

1.º ANNO

Dezembro de 1886

N.º 4

O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

Associação propagadora do livre pensamento

Summario

OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME,
por *Teixeira Bastos*.

A RELIGIÃO E A FAMÍLIA, por *José de Sousa*.

ABRAHAM, por *Victor Schælcher*.

OU DEUS, OU LIBERDADE, por *Miguel Bakounine*.

MISCELLANEA.

LISBOA

ATHENEU OPERARIO

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO TYPOGRAPHICA

38 Rua Nova do Loureiro 40

1885

Os livros sagrados do Christianismo e o Livre exame

III

OS EVANGELHOS PERANTE A CRITICA

O Novo Testamento consta dos quatro Evangelhos reconhecidos pela Igreja e attribuidos a Matheus, a Marcos, a Lucas e a João, dos Actos dos apóstolos, das Epistolas e do Apocalypse. São estas as fontes directas da religião christã. É aqui que se póde vir estudar a historia do seu fundador e as transformações que soffreu nos primeiros seculos a doutrina e a organização das primeiras sociedades christãs. A historia e a doutrina de Jesus deve procurar-se nos Evangelhos, isto é, nos quatro a que a Igreja presta fé, deixando de lado, como ella fez, os considerados apocryphos, embora usados pelas seitas hereticas e mesmo citados por doutores e grandes auctoridades da Igreja, no fim do seculo II, como Clemente de Alexandria, Ireneu das Galias e Tertuliano de Carthago, — os Evangelhos dos Hebreus, dos Egyptios, dos doze apóstolos, de Pedro, de Thomé, de Mathias, de Bartholomeu, de Nicodemus, etc. Esses padres orthodoxos já então consideravam, no emtanto, aquelles quatro Evangelhos como a base solida e verdadeira do Christianismo. Devem, pois, ser elles sómente os elementos do nosso estudo.

A preferencia dada muito cedo pela Igreja aos quatro Evangelhos canonicos, sobre todos os outros, e mais tarde, com a sua completa exclusão, explica-se facilmente pela aspiração e desejo manifesto de chegar á unidade de fé, e serem d'entre os Evangelhos aquelles quatro os que mais se harmonisam no plano e na doutrina, apesar de mal disfarçarem as diversas tendencias e fins diversos que os inspiraram. Mas a harmonia entre elles é demasiadamente superficial e as suas divergencias fundamentaes representam as dissidencias profundas que dividiram, desde o começo, a sociedade christã. Confrontando entre si e no seu todo os quatro Evangelhos nota-se em primeiro lugar a

unidade de ponto de vista que presidiu á compilação dos Evangelhos de Matheus, de Marcos e de Lucas, divergindo inteiramente do ponto de vista que caracteriza o Evangelho de João, e em segundo logar que os de Matheus e de João marcam bem os extremos de uma serie, em opposição systematica tanto nos factos, como na doutrina, sendo o de Lucas uma transição entre as duas tendencias oppostas. Os tres primeiros, que por isso receberam o nome de *synopticos*, correm por assim dizer em tres linhas parallelas, como observa Strauss (1), no que se refere á ordem e á escolha de factos e mesmo á expressão, divergindo só nos detalhes; e o quarto segue o seu caminho á parte, apenas de accordo com os outros n'alguns pontos capitaes da historia evangelica e rarissimas vezes emquanto aos discursos e á expressão.

Estabelecida esta opposição entre os Evangelhos synopticos e o Evangelho de João, occorre indagar qual das duas correntes deverá merecer mais confiança ao historiador. Diz a tradição catholica que aquelles foram escriptos por companheiros dos apóstolos, a quem ouviram ou por ordem de quem escreveram a vida e os discursos de Jesus, e o ultimo pelo discipulo amado, testemunha occular e mesmo comparsa em muitos dos successos n'elle referidos. A acceitarem-se como verdadeiras as origens que a tradição dá aos Evangelhos, causa estranheza a existencia de divergencias tão fundamentaes em pontos em que deveriam ser unanimes as testemunhas oculares e as pessoas que d'ellas ouviram a narração circumstanciada e por muitas vezes do mesmo facto. Convém, portanto, verificar se é verdadeira a tradição.

Quaes são as testemunhas de que os Evangelhos canonicos foram com effeito escriptos pelos individuos a quem a Egreja chama S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João?

§ 1.º DOS EVANGELHOS SYNOPTICOS

Do primeiro Evangelho sabe-se por Eusebio, na sua *Historia Ecclesiastica*, que Papias bispo de Hierapolis na Phrygia, diligente collector das tradições apostolicas na primeira metade do seculo II, disse: "Matheus redigiu em lingua hebraica as sentenças (do Senhor) e cada qual as interpretou como pode., Ora são estas sentenças a que se refere Papias que passam por ser o original do Evangelho de Matheus, o qual, como confessa S. Jeronymo, não se sabe quem traduziu em grego. Schleiermacher, firmando-se na palavra empregada por Papias, não vê na obra de Matheus mais do que uma collecção de discursos.

(1) «Nouvelle Vie de Jesus», tr. fr. tom. I pag. 100.

Strauss, o grande critico da vida de Jesus, dá-lhe mesmo a significação de Evangelho, mas não crê com fundamento que o nosso Evangelho de Matheus seja a traducção do que foi escripto em lingua hebraica, mas uma nova compilação de materiaes, como tantas outras dos primeiros seculos; “não é uma obra de um só jacto,, pelo contrario, “soffreu redacções consecutivas, cujos traços são apparentes,, (1) Porém, quer a obra a que se refere Papias seja um Evangelho, oo apenas uma collecção de discursos, o certo é, e n’isto estão de accordu todos os exegetas, que o nosso primeiro Evangelho não pôde ser considerado uma traducção directa d’ella, antes um trabalho posterior, embora feito sobre alguma das traducções, já de si inexactas e incorrectas, como se deprehende das palavras citadas.

Se, como vemos, é insufficiente o testemunho de Papias a favor do primeiro Evangelho, tambem o é com referencia ao segundo. Eis as palavras de Papias conservadas por Eusebio: “João, o padre, dizia que Marcos, que era o interprete de Pedro, escreveu com toda a exactidão que lhe permittia a sua memoria, mas não em ordem, o que Christo disse e fez, porque elle proprio não ouvira nem seguira o Senhor, sendo, como disse, um simples ouvinte e companheiro de Pedro, e Pedro arranjava as suas exposições segundo a necessidade do momento, e não como se quizesse fazer uma collecção das palavras do Senhor; de modo que Marcos não encorre em censura por ter escripto certas cousas como as conservara na memoria, porquanto elle queria principalmente nada omittir nem alterar do que ouvira,, Por estas palavras vê-se que Papias não approvava a ordem dada por Marcos aos assumptos, por não estar conforme á verdade; ora a ordem do Evangelho que possuímos sob o nome de Marcos é, com ligeiras variantes, a mesma do Evangelho de Matheus, e do de Lucas, e só differe da do Evangelho de João, mas este não era conhecido por Papias. Além d’isso, escrevendo Marcos com toda a exactidão não só o que Christo fez, mas sobretudo o que elle disse, porque deveria ser esse o principal assumpto da predica de Pedro, vemos que no segundo Evangelho as acções de Jesus são a parte mais importante, ao passo que as suas palavras e os seus discursos immensamente mais resumidos e incompletos do que nos outros Evangelhos. O ascendente de Pedro sente-se mais no primeiro evangelho do que no segundo, quando deveria ser o inverso. É no Evangelho de Matheus que se põe mais em relevo a pessoa e o papel do apostolo, como observa Strauss. Emfim, as palavras de Papias de nenhuma maneira se podem applicar ao segundo Evangelho do canon da Egreja.

(1) Ob. cit. vol. I, p. 60.

O testemunho de Papias prova-nos a existencia de um *proto-Matheus* e de um *proto-Marcos*, segundo a designação de Huet, mas nada nos diz a respeito dos Evangelhos de S. Matheus e de S. Marcos que são, como diz o mesmo auctor, “compilações, collecções livres de tradições,, e não “escriptos de uma authenticidade certa ou de uma proveniencia apostolica (1),,.

Se para o Evangelho de Lucas não se póde invocar um testemunho tão antigo, como o de Papias, ha em compensação outro que nos parece melhor, pois é o preambulo, especie de testemunho pessoal, que resa assim: “Como muitos outros já emprehenderam compór uma narração seguida dos acontecimentos que se têm realiado na christandade, segundo as tradições das primeiras testemunhas oculares e dos ministros da palavra, Lucas por sua vez, depois de se ter informado exactamente de tudo desde a origem, resolveu-se a escrever a historia por ordem para Theophilo, afim de que este possa reconhecer a certeza das doutrinas em que foi instruido., D’este preambulo conclue lucidamente Strauss o seguinte: “1.º que no tempo em que o auctor escrevia, já havia uma numerosa litteratura evangelica que elle apreciava como critico; 2.º que não parece conhecer algum Evangelho redigido directamente por um apostolo, porque distingue, das primeiras testemunhas oculares e ministros da palavra, os numerosos escriptores que coordenaram as narrações evangelicas e fixaram a tradições; 3.º que não se dá por companheiro de um apostolo, visto que não se lisongeia de ir além dos seus predecessores pela auctoridade apostolica da fonte onde vae beber, mas sómente pela sua applicação a informar-se de todas as cousas desde a origem (2),, Sendo este Evangelho a primeira parte de uma obra de que os Actos dos Apostolos são a segunda, e parecendo figurar na segunda parte o auctor como companheiro de S. Paulo, a maioria dos theologos pretende dar ao Evangelho de Lucas auctoridade apostolica. Mas ainda mesmo que assim fósse, essa auctoridade seria contestavel, sabendo-se que Paulo não foi companheiro de Jesus e só muito tarde adheriu ao movimento christão, não procurando informar-se circumstanciadamente da verdade historica, mas interpretando a seu modo tanto o Christo, como a sua doutrina.

Na realidade a existencia d’esses tres Evangelhos canonicos só pode constatar-se no meado do seculo II, isto é, um seculo depois dos acontecimentos que relatam. Emquanto á antiguidade relativa dos tres, segundo Clemente d’Alexandria, que se apoia na opinião tradicional dos antigos padres, os de Matheus e de Lucas precederam o de

(1) F. Huet. - La Rev. rel. au XIX siècle. p. 53.

(2) Ob. cit. vol. I, p. 63.

Marcos; Origenes, porém, segue a ordem do canon pondo em primeiro lugar o de Matheus, depois o de Marcos e por ultimo, como o mais recente, o de Lucas. Strauss confirma a opinião de Clemente d'Alexandria com provas tiradas do estudo interno dos textos. O mesmo estudo corrobora tambem a conclusão a que chegamos de que nenhum dos Evangelhos synopticos possui auctoridade apostolica, sendo todos de proveniencia incerta e baseados em informações de segunda e terceira mão. "Como ainda se cria no proximo fim do mundo, escreve Rénan, pouco se cuidava em compôr livros para o futuro; tratava-se sómente de guardar no coração a imagem viva do que se esperava voltasse em breve nas nuvens., (1) Ewald, cuja auctoridade deve ser insuspeita para os crentes, distingue uns nove documentos primitivos fundidos nos tres primeiros evangelhos. Schleiermacher julga-os igualmente compostos de diferentes memorias ou relações fragmentarias. Strauss, melhor do que nenhum outro critico, comprehendeu o modo da formação dos Evangelhos mais antigos. "Ajuntando toda a sorte de noticias curtas e incompletas, escreve elle, compilavam-se Evangelhos mais extensos, mas sem ainda os considerarem como obras definitivas, e salvo a enriquecel-os de tempos a tempos com interoplações novas e novos supplementos. Nem sempre estas addições se referiam a actos ou a palavras authenticas de Jesus, sómente conservadas até ahi na tradição oral, ou mettidos em qualquer livro por acaso desconhecido para um precedente evangelista. Com o decurso do tempo, logo que vinha a pronunciar-se uma tendencia, uma idéa que parecia uma consequencia incontestavel dos principios do christianismo, admitia-se immediatamente que Jesus dissera ou fizera alguma cousa n'esse sentido. Nasciam d'ahi novas narrações, novas maximas de Jesus que se propagavam primeiro pela tradição oral e em seguida passavam para os Evangelhos. A cada novo progresso da consciencia theologica, diz excellentemente Schwegler, tornavam a ser mettidos em obra. Purgavam-os do que envelhecera, do que escandalisava. Introduziam n'elles addições conformes á época e as palavras de junção, as divisas do momento. Assim a Igreja ficou envolvida n'uma producção perpetua de discursos e de sentenças evangelicas, até que o movimento chegou á adopção exclusiva dos nossos synopticos e á primeira fixação da Igreja catholica (2).,,

É por isso que se encontram no Evangelho de Matheus vestigios de duas edades e de dois gráus do christianismo primitivo, como nota Strauss, o primeiro, quando a propaganda se encerrava egoistamente

(1) Viè de Jesus, int. p. XXII.

(2) Ob. cit. ol. I, pag. 150-

na sociedade judaica, e o segundo, quando já triumphara a idéa de Paulo de estender aos pagãos o seu proselitismo. Pertence á primeira idade a prohibição de missionarem entre os pagãos e os Samaritanos e a recommendação de não lançarem perolas a porcos, (VII, 6; X, 5 e segg.) e á segunda a ameaça de punir os judeus da sua incredulidade, chamando os Gentios em seu lugar (VIII, 11 e seg., XXI, 43), assim como a ordem dada aos apóstolos de receberem todos os povos sem distincção na communhão christã só pelo baptismo (XXVIII, 19).

No Evangelho de Lucas descobre-se com facilidade a intenção de conciliar a tradição judeu-christã com o movimento paulista, procurando o auctor ser agradável aos dois partidos. Foi escripto em época posterior ao de Matheus, o qual lhe não era desconhecido, muito embora pareça ter-se servido de um outro ainda mais judaisante. A preoccupação litteraria que dirigiu a penna do evangelista explica-nos muitas das suas divergencias. Strauss com o seu fino criterio, confrontando os textos de Matheus e de Lucas ácerca da profecia de Jesus sobre a destruição do templo de Jerusalem, chega á conclusão que foi redigido “em data sensivelmente mais moderna,, do que o primeiro, “ainda que anterior á revolta dos Judeus sob Adriano em 135 (1).,, Não póde, portanto, ser da penna de um companheiro de Paulo.

Emquanto ao Evangelho de Marcos, apezar de ser difficil á critica fixar-lhe o logar que lhe compete, os trabalhos de Schwegler, Kœstlin e Strauss parece terem-se aproximado da verdade, quando o julgam pallido e chato ao lado do de Matheus e lhe descobrem os caracteres de uma obra de decadencia. A omissão ou a redução a curtas phrases dos longos discursos de Jesus revelam já uma época em que a historia e a lenda milagrosa supplantavam a doutrina. Os traços originaes do Evangelho de Marcos denunciam, porém, que o auctor se serviu em parte de outras fontes escriptas ou da tradição oral, e não apenas dos Evangelhos de Matheus, de Lucas e talvez do de João. Crê Strauss possivel que este Evangelho visse a luz em Roma, depois de se effectuar a fusão dos dois partidos, o judeo-christão e o paulista, hypothese que os latinismos de Marcos parecem confirmar.

(Continúa.)

TEIXEIRA BASTOS.

(1) Ob. cit. vol. J, pag. 163.

A religião e a familia

(Continuação do n.º antecedente)

Já vimos que o casamento civil não é pois cousa moderna, vamos encontral-o nas tribus que apontámos, e ali é tudo como um contrato. O concilio de Trento é que veiu submeter a sacramentos os actos puramente sociaes dos nascimentos, casamentos, e obitos (1).

Alexandre Herculano, que não attingiu a origem do casamento civil, pois o filiou na mancebia anterior ao concilio de Trento, veiu a campo combater por elle, quando em Portugal se ventilou esta questão. Uma carta publicada no *Jornal do Commercio* fez publica a sua opinião (2).

Herculano publicou tambem uns folhetos — *Estudos sobre o casamento civil* (1866).

É fóra de duvida que Herculano tinha muita erudição e por isso amontoava sempre factos e documentos innumerados.

O exemplar dos *Estudos* que temos á vista, impresso no Rio de Janeiro e que julgámos ser uma contrafacção, é um amontoado de canones e de legislação consuetudinaria. Herculano sustentava que o casamento civil já estava legitimado pelo § 2.º do Tit. 46 Liv. 4 das Ordenações do Reino, reforçando as suas palavras com palavras de Santo Agostinho.

O § diz o seguinte: “outro sim serão meeiros provando que estiveram em casa teúda e mateúda, ou em casa de seu pae, ou em outra, em publica voz e fama de marido e mulher per tanto tempo que segundo Direito baste para se presumir matrimonio entre elles, posto que se não provem as palavras de presente.,,

(1) Theophilo Braga, *Systema de Sociologia*, pag. 345.

(2) Vide sobre este assumpto, Theophilo Braga, «*Historia do Romantismo em Portugal*,» pag. 379 e seguintes.

Por outras palavras — *mancebia*. Herculano estava enganado, filiando n'aquelle § o contracto civil do casamento, § que Herculano filiava ainda em uma lei de D. Affonso III.

Seja qual fôr, porém, fonte primitiva a Ordenações do Reino, foram-nos ellas dadas no tempo de Filippe II, e essa circumstancia basta quasi para vêmos que não é o casamento civil de que trata o referido §.

O sr. D. Antonio da Costa (suspeito) disse isto mesmo a Herculano: “não me parece exacto que nós tínhamos na Ordenação o casamento civil “e (1) ajunta: “O casamento civil a par do casamento catholico! No seculo XVII! Por um Filippe II! na Ordenação *posterior* ao concilio de Trento!,, Aqui tinha s. ex.^a razão para se admirar, não a tinha porém em outras cousas como verêmos.

A questão do matrimonio ventilando-se nas ultimas reuniões do concilio de Trento, e ainda que não sejam conhecidos todos os documentos authenticos do que alli se passou, o procedimento da Egreja é fácil de perceber.

No concilio tomaram parte homens importantes do tempo, como o cardeal Madruccio, o patriarcha de Jerusalem, Modena, Lainez, (general dos jesuitas) o bispo d'Almeria, o portuguez D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, existindo “copia authentica dos seus votos fundamentados, como se achem nas actas originaas do concilio aferrolhadas no castello de Santo Angelo, onde a ninguem é dado o examinal-as. Obteve D. João V essa copia por via do embaixador Sampaio (2).,,

No seio do congresso manifestaram-se violentas dissidencias e o proprio papa Pio IV intentava adiar as discussões. Finalmente tudo se conseguiu e os resultados d'esse grande synodo são de todos bem conhecidos.

Herculano, que era um religioso sentimental, teve os seus *Estudos sobre o Casamento civil* inscriptos desde 22 de dezembro de 1866 no Index dos livros prohibidos (Roma).

Nós, com certeza não teremos tão feliz honra.

Duvida, ou antes não crê, o sr. D. Antonio da Costa, como “catholico apostolico romano,, que o casamento civil possa “semear na familia aquelle amor santificado? aquella suavidade de unção? aquelle conforto das uniões indissolueis, onde ha bens admiraveis, mas onde tambem no correr da vida ha necessidade de paciencia e de coragem?

(1) «O Casamento Civil — resposta ao sr. Alexandre Herculano» por D. Antonio da Costa pag. 13—1865.

(2) «Alexandre Herculano» — Estudos sobre o casamento civil, pag. 69. (1866).

aquelle suavissimo conselho que fica impresso no espirito e gravado no coração?,,

Respondemos a s. ex.^a que para um catholico, para um crente de certo que não, mas para um homem em cujo espirito já felizmente penetraram as idéas positivas, para esse, a benção e o latim de um padre são explicaveis e explicados mas não servem nem devem servir para nada, absolutamente.

O casamento é um facto social, é o facto pelo qual se constitue a familia, molecula do grande organismo chamado *sociedade*, á sua constituição não deve presidir pois a religião mas sim a propria sociedade.

Aquelles que quizerem santificar essa união, esses que vão imploras as benções dos padres, e esse facto tornar-se-ha então particular, secundario.

Por outras palavras, queremos o registro civil obrigatorio, e como acima de tudo deve estar a liberdade de consciencia, os crentes na religião que completem com as cerimoniaes religiosas o que julgarem incompleto.

Esta questão do casamento civil foi renhida, o proprio Saldanha n'ella entrou advogande o casamento catholico; tambem temos sobre a mesa de trabalho, um folheto do sr. Jayme C. H. Leça da Veiga (1) (1865) defendendo o casamento civil mas ressentindo-se da falta de orientação scientifica que deve presidir sempre a estas questões.

Terminamos esta breve dissertação com as palavras do nosso bom amigo o sr. Teixeira Bastos, sobre o assumpto: "O acto verdadeiramente social, pelo qual duas pessoas de sexo differente se compromettem de um modo solemne a reunirem-se por uma ligação perpetua para a constituição de uma nova familia, consiste na assignatura do contracto nupcial. Tudo o mais é secundario (2).

JOSE DE SOUSA.

(1) «Breyes reflexões sobre o contracto civil», por Leça da Veiga—1865.

(2) Teixeira Bastos—«A Familia», pag. 182.

Abraham

Dom Calmet, na sua grande obra — *Commentarios da Santa Biblia*, verdadeiro thesouro da sciencia orthodoxa, diz: “*Deus narrando* (é o proprio Deus, segundo o illustre escriptor, quem o disse) “Deus narrando as principaes acções dos patriarchas, mostrou á nação hebraica os grandes exemplos de virtude na pessoa de Abraham.,,

Examinemos com reverencia, mas livremente, se esta opinião, que é tambem a das igrejas christãs, catholica ou protestante, póde ser sustentada.

“Abraham, logo que se aproximou do Egypto, disse a Sarah, sua mulher: Sois linda e presinto que vendo-vos os egypcios dirão: — É a mulher d’este homem; e matar-me-hão para vos possuirem. Supplico-vos, pois, que digaes a todos que sois minha irmã, para que estas gentes me tratem bem por vossa causa.,, (*Genesis*, cap. xii, v. 11 a 13.) “Ora succedeu o que Abraham havia previsto. A bella Sarah foi arrebatada e conduzida a Pharaó.,, (D.º, v. 15.) “Pharaó beneficiou Abraham em respeito a ella; e Abraham recebeu ovelhas, bois, burros, escravos, burras, e camellos.,, (D.º, v. 16.)

O que vemos n’este procedimento? O patriarcha instiga sua mulher a mentir ignobilmente; entrega-a como *sua irmã* á luxuria de Pharaó, porque teve medo não o matassem para se apoderarem d’ella, se soubessem que era sua mulher. Sarah, tão corrompida como Abraham, não protestou, não exclamou ante o rei: — vós que respeitae as mulheres casadas, sabei que eu sou a mulher d’este homem. Ao contrario, deixou-se conduzir, prestou-se a uma miseravel especulação e viu, silenciosa sempre, seu marido acceitar os presentes do rei, feitos por *causa d’ella*, isto é, como recompensa das suas vergonhosas condescendencias. Que Sarah compartilhou do leito de Pharaó, que foi um facto

o calculado crime de adulterio, não resta a menor duvida, por que o "Senhor feriu de grandes castigos, Pharaó e a sua casa, por amor de Sarah., (D.º, v. 17.)

Notemos de passagem que é difficil explicar, sob o ponto de vista da justiça humana, porque foi punido o principe, em quanto que o patriarcha era recompensado, sendo elle a quem cabia a maior culpa. Não se comprehende, tambem, porque soffreu a casa do principe castigo pelo crime do seu senhor.

Haverá no mundo algum homem digno, alguma mulher honrada, capazes de fazer o que os livros santos nos dizem que Abraham e Sarah praticaram? Se o proprio historiador do *Genesis* tivesse censo moral, se comprehendesse a abjecção da sua narrativa não teria, decerto, descido a tão repugnantes particularidades.

Tornado á patria, Abraham entregou-se ao adulterio com Agar, uma das suas escravas, que Sarah, conhecendo-se esteril, se encarregou de lhe inculcar para que "houvesse filhos d'ella!., (*Genesis*, cap. xvi, v. 1 a 4.) Ismaél nasceu d'estes amores illicitos, qua se fôsem praticados nos dias de hoje conduziriam os dois esposos ao banco dos réos, pelo delicto de *excitação ao deboche*.

Deus lhes appareceu então "sob a fórma de tres homens., (Cap. xviii, v. 2) e lhes annunciou que teriam um filho. "Sarah não pode deixar de rir-se, por que ambos eram já de avançada idade, e a doença periodica das mulheres ha muito que Sarah a não sentia. (D.º, v. 10 e 11.)—Que o leitor nos perdôe por nos vérmos obrigados a citar textualmente a *Historia santa*.

Em seguida a esta promessa, Abraham transportou-se a Gerara e ahi de novo apresentou sua mulher como sua irmã. Ainda que Sarah tivesse já 90 annos (Cap. xvii, v. 17) conseguiu inspirar ao rei Abimélech a mesma paixão que havia inspirado a Pharaó, e por isso foi raptada (Cap. xx, v. 2.) D'esta vez, porém, Deus revelou em sonhos a Abimélech que Sarah "tinha um marido., (D.º, v. 3.) "Bem sei, lhe disse o eterno em sonhos, que a arrebatastes com um coração simples; e por isso te impeço de com ella teres relações., (D.º, v. 6.) O historiador do *Genesis* mostra-nos, n'esta passagem, que Deus intende que um homem póde apossar-se d'uma mulher para a satisfação dos seus desejos sexuaes, *com um coração simples*, quando essa mulher não seja casada. Depois, vêde o cumulo da equidade! Abimélech foi poupado por ter peccado por ignorancia, em quanto que Pharaó, que tambem por ignorancia havia peccado, recebeu duro castigo, como um verdadeiro criminoso. Abimélech entregou Sarah a Abraham, tal qual a havia tomado, acompanhada de justas recriminações. "Que desleal fôstes para comigo! Que mal vos fiz para merecer ser envolvido com o

meu reino em tão grande peccado? Fizestes o que ninguem deve fazer!,, (D.º, v. 9.) Ao que Abraham respondeu cynicamente: “Eis o que eu havia pensado.—N’este paiz não ha, talvez, quem creia em Deus, e por isso me matarão para se apossarem de minha mulher.,, (D.º, v. 11.)

Quem quer que leia estas passagens ha de concordar que Abraham, n’estes dois actos da sua vida, está longe de dar *grandes exemplos de virtude*.

A sua conducta com Agar e Ismaël não se mostra menos odiosa. Cedendo á vontade de Sarah, Abraham expulsou de sua casa a desventurada escrava, a quem havia feito mãe, e com ella seu proprio filho (Cap. XXI, v. 14.) Há motivo, porém, para maior censura. Temos, mesmo, o direito de affirmar que Abraham foi intencionalmente parricida. Expulso Ismaël, sonhou que Deus ordenava “de lhe offerecer Isaac em holocausto.,, (Cap. XXII, v. 2.) e sem outro fundamento que tal sonho ia já degolal-o por suas proprias mãos, quando um anjo o deteve. “Manietou seu filho Isaac, pondo-o sobre a lenha que tinha juntado. Depois, estendendo a mão, empunhou o cutello para immolar seu filho. Mas um anjo do Senhor gritou-lhe do céo: — Não attentes contra a criança; vejo agora que acreditas em Deus, pois que, por amor d’elle, não te recusastes a matar teu unico filho.,, (D.º, v. 9 a 12.)

Fénelon, a proposito d’este sacrificio, fez a reflexão de que é *muito perigoso* deixar que a Biblia seja lida por todos. “Convém notar, diz elle, que a maior parte dos homens, cujo espirito se não acha disciplinado pela auctoridade dos livros santos, surprehende-se ao ver os prôphetas praticarem acções duvidosas, que parecem indecentes ou tresloucadas... É verdade que estas cousas nos ensinam profundas verdades; mas quando se não está acostumado a tão grandes mysterios, não se ficará surprehendido de vêr Abraham querer degolar seu filho unico, filho que Deus lhe deu por milagre, promettendo-lhe que a posteridade d’essa criança seria bemdita no mundo?,, (Fénelon, *Lettre à l’évêque d’Arras*.)

... Assim, ninguem o póde contestar. Abraham foi um senhor de escravos, um mentiroso, um marido cobarde e indigno, um adultero, um pae desnaturado.

Tal é o homem, segundo a Biblia, que Deus escolheu entre todos para ser o primeiro interprete da sua palavra, aquelle *em cujo seio dormem os justos* esperando o juizo final. Reflecti, interrogae a vossa consciencia—é possivel acceitar estas historias d’uma epocha barbara, como uma revelação da justiça divina e da sabedoria infinita?

Ou Deus ou a Liberdade

Todas as religiões, com seus deuses, semi-deuses, prophetas, messias e santos, foram creadas pela phantasia dos homens ainda não chegados ao pleno desenvolvimento, á plena posse das suas faculdades intellectuaes. Portanto, o céo religioso é apenas uma miragem onde o homem, exaltado pela ignorancia e pela fé, encontra a propria imagem, transformada e engrandecida, isto é, *divinisada*. A historia das religiões, o nascimento, o progresso e a decadencia dos deuses que se têm succedido na crença humana, não são mais do que o desenvolvimento do intellecto e da consciencia collectiva dos homens. Ao passo que, na sua marcha historicamente progressiva elles descobriram em si mesmos, ou na natureza exterior, uma força, uma qualidade ou algum defeito importante, attribuiram-lhes a existencia á vontade divina depois de haverem exagerado os factos, de lhes darem descommunal medida, como fazem ordinariamente as creanças por um acto da sua phantasia religiosa. Graças a este apoucamento, a esta piedosa generosidade dos homens apprehensivos e credulos, o céo enriqueceu-se dos despojos da terra e, por uma sequencia natural, quanto mais rico se tornou o céo mais a humanidade e a terra se tornaram pobres. Creada a divindade, ella foi logicamente proclamada a causa, a razão, o arbitro, a senhora absoluta de todas as cousas — o mundo tornou-se em nada para ella tudo ser; e o homem, creador dos deuses, depois de havel-a inconscientemente gerado do nada, ajoelhou-se perante ella, adorou-a e proclamou-se seu escravo.

O christianismo é incontestavelmente a religião por excellencia, porque expõe e manifesta, em toda a plenitude, a natureza, a propria essencia de todo o systema religioso, que é *o empobrecimento, a escravidão, o aniquilamento da humanidade, em beneficio da divindade*.

Deus sendo tudo, o mundo real e o homem não são nada. Deus sendo a verdade, a justiça, o bem, o bello, a força, a vida: o homem é a mentira, a iniquidade, o mal, o hediondo, a impotencia, a morte. Deus sendo o senhor, o homem é o escravo. Incapaz para conseguir por si proprio a justiça, a verdade, a vida eterna, tem que alcançal-as por meio da revelação divina. Mas quem diz revelação, diz reveladores, messias, prophetas, padres e legisladores inspirados pelo proprio Deus; e estes, uma vez reconhecidos como representantes da divindade sobre a terra, como santos mentores da humanidade, eleitos por Deus para a dirigirem no caminho da salvação, exercerão necessariamente um poder absoluto. Todos os homens lhes deverão uma obediencia passiva e illimitada; porque, contra a razão divina não póde haver razão humana; e contra a justiça de Deus, nada tem a justiça terrena que fazer. Escravos de Deus, os homens devel-o-hão ser tambem da Igreja e do Estado, *emquanto este fôr consagrado por ella*. De todas as religiões existentes ou extinctas, nenhuma melhor do que o christianismo comprehendeu esta situação, sem exceptuarmos mesmo a maioria das antigas religiões orientaes, as quaes nunca abrangeram se não povos distinctos e privilegiados, em quanto que o christianismo tem a pretensão de abarcar a humanidade inteira; e note-se ainda, que de todas as seitas christãs, o catholicismo romano ha por si só proclamado e realizado esta idéa com uma rigorosissima logica. Eis a razão porque o christianismo é a religião absoluta, a derradeira religião; porque a Igreja apostolica romana é a unica consequente, legitima e divina.

Não se afflijam os metaphysicos, os idealistas, os religiosos, os philosophos, os politicos, os poetas: — *A idéa de Deus implica a abdicação da razão e da justiça humanas, a negação mais decidida da liberdade, e conduz necessariamente á escravidão dos homens, tanto na theoria como na pratica.*

A menos que se não queira a escravidão e o aviltamento dos seres humanos, como o querem os jesuitas, como o querem os mumistas, os pietistas ou os methodistas protestantes, não podemos, não devemos fazer a minima concessão, nem ao Deus da theologia, nem ao da metaphysica. Aquillo que no alfabeto mystico começar por Deus, deverá fatalmente acabar por Deus; aquelle que quer adorar a Deus, deve, sem se enredar em illusões pueris, renunciar energicamente á sua liberdade, á sua existencia humana.

Se Deus existe — o homem não póde ser livre. Ora, o homem póde e deve ser livre — logo, Deus não existe.

MIGUEL BAKOUNINE.

Miscellanea

ALEXANDRE BRAGA E OS JESUITAS

Juntamente com este artigo envio para o *Livre Exame* o ultimo discurso anti-jesuitico do eminente tribuno forense, e meu amigo, dr. Alexandre Braga. Este volume é offerecido a essa redacção pelo meu camarada e amigo Deolindo de Castro, editor d'essas paginas genialmente elaboradas, onde ha a doçura do estylo de Michelet, junta á varonil indignação de José Estevão, e onde a erudição historica d'um Quinet corre parellas com a intuição prophetica d'um Victor Hugo,

É bom, anima os desalentados, vêr apparecer na arena um homem d'aquella estctura, empunhando a bandeira dos puros principios, sempre que a sordidez ignara dos governos parece querer fazel-os arrastar na lama.

O jesuita existe entre nós. A legislação pombalina foi impudente para a extirpação d'esse cancro social. O mesmo diremos das leis do constitucionalismo contra as ordens religiosas. O mal não está aqui, nem está alli: o mal está em Roma, n'essa Babylonia prostituta que S. João, na ilha de Patmos, agarrou pelos cabellos, para arrojá-lo ao fogo das suas satyras apocalypticas, como uma miseravel vendida aos adoradores da Besta.

A religião do Estado: eis o inimigo.

E Alexandre Braga, que já ha mais de vinte annos levantou a sua voz para defender no fóro portuense o subdito britannico Diogo Cassels, accusado de *irreligião*, e ali fez a mais brilhante apologia da liberdade do pensamento, sabe perfeitamente que na obra tenebrosa que Roma encetou contra os progressos do seculo, vale tanto a camandula do jesuita como a sotaina do simples padre. Um e outro são

servos do papa, que se diz vigario de Christo, que se disse filho de Deus... de Sodoma e de Gomorrha!

Assim é que o discurso d'Alexandre Braga, sendo aparentemente um ataque ao jesuita; é no fundo uma peça de propaganda anti-catholica, visto que, depois da promulgação dogmatica do *Syllabus*, no concilio que approvou a infallibilidade pontificia, jesuita é todo o que beija o pantufo ensanguentado do ex-algoz de Roma; jesuita é todo o que verga o joelho deante da imagem mais ou menos hypothetica d'um réles utopista de ha desenove seculos; jesuita é todo o que, negando a sciencia, appella para o milagre, e se reclina preguiçosamente no seio do mysterio religioso.

Este discurso ficará talvez sem consequencias. O povo ouviu, gostou e applaudiu. No domingo seguinte foi ouvir a missa, na fórma do costume, e quando chegar a quaresma ha de ajoelhar aos pés do primeiro fiel patife que tome assento no confessionario.

Alguns conheço eu que em conferencias anti-religiosas me têm applaudido, e nem por isso deixam de ir ao lausperenne.

O mal, não o desconhece o illustre advogado portuense, não póde ser atalhado pela monarchia constitucional, nem pelas *republicas* dos srs. Garcia, Pedroso, Veiga e C.^a Só depois da execução pura e simples do programma radical que, felizmente, conta em Portugal grande numero de adeptos, só depois a nação se verá totalmente livre d'essa sombra negra que empana o seu viver.

- “Abolição do juramento religioso e politico;
- “Proibição do ensino religioso nas escholas;
- “Abolição do subsidio para o curso theologico;
- “Indifferença do Estado em materia religiosa;
- “Secularisação dos cemiterios;
- “Instituição do registro civil obrigatorio;
- “Suspensão das relações diplomaticas com o Vaticano;
- “Ensino leigo gratuito e obrigatorio;

eis as verdadeiras conquistas a fazer. Até lá póde o jesuita temer por momentos a erupção furtuita das coleras populares nebulosamente despertadas; mas, serenada a tormenta, quando o agitador fatigado se recolhe ao seu gabinete d'estudo, o jesuita, o môcho social, deitando a cabeça hedionda para fóra do seu escondrijo, arrisca-se finalmente a sair, após curta inspeção da praça publica, e, rindo-se malevolamente das ingenuas esperanças dos adversarios, vem continuar afadigado o cordão de torpezas que deixára interrompido.

Para o povo, que desconhece a historia ensanguentada d'essa Bastilha moral que se chama o catholicismo, o discurso d'Alexandre Braga é um optimo serviço. É uma obra de propaganda, como 'á o 'oi o seu

primeiro discurso, como já o haviam sido todas as obras poeticas do enorme poeta Guilherme Braga, irmão do eloquente tribuno de quem vimos falando.

Mas convença-se o orador d'uma coisa: é que, quando o povo se tiver orientado pela leitura de livros como este e de outros de mais ou menos alcance, o final d'este discurso monumental, que chama o povo do Porto a fazer mais uma representação sobre o tumulto dos martyres da liberdade, contra os seculares inimigos d'ella, não passará d'um artificio rhetorico, proprio a arrancar applausos, como premio condigno d'uma eloquencia demosthetica; porque então o povo saberá que o protesto já não pode ser formulado por linguas humanas, e deixará fallar as boccas das espingardas, contra o jesuita que appoia a monarchia aos hombros carunchosos da fé dos nossos maiores, e das velhas tradições; e contra uma dynastia d'embecis e de fanaticos, que começou batendo palmas ás fogueiras do santo-officio, e hade descer ao tumulto abraçada á imagem repugnante do beato e devasso S. Ignacio de Loyola.

Taes são as considerações que me suggeriu a leitura d'esse assombroso discurso.

HELIODORO SALGADO.

Do proximo numero em diante, o *Livre Exame* soffrerá uma alteração importante para conformar esta publicação com o desejo de muitos dos seus leitores que preferem vel-a empenhar-se na critica de questões incidentes que digam respeito á classe clerical. Assim, o *Livre Exame* trará appendice á parte doutrinaria uma secção de combate, com numeração differente, que poderá ser encadernada no fim do volume ou formar volume á parte.

Um vigario prussiano commentava recentemente no pulpito o resultado das eleições parciaes feitas na Prussia e que deram logar no parlamento allemão a alguns *bons* e leaes catholicos. Terminando a sua oração, exhortou os eleitores para que no futuro só votassem nos candidatos indicados pelo clero catholico, para não serem condemnados ás penas eternas do inferno.

O tribunal criminal de Breslau tomou conhecimento do facto e condemnou o vigario galopim a 6 mezes de prisão e a 90\$000 réis de multa.

(Do *Povo de Aveiro*.)

Das informações recebidas pela *Propaganda Fide*, vê-se que até ao primeiro de novembro proximo findo, no vicariato da Cochincina oriental, onde se inclue Hué, foram massacrados 9 missionarios francezes, 7 padres indigenas, 60 catechistas, 270 religiosas indigenas, e mais 24:000 christãos. Além d'isso ha 200 *christandades* (parochias) completamente arrazadas; 225 igrejas incendiadas; e 17 orphanatos, 10 conventos de religiosas, 4 colonias agricolas, 9 seminarios e 2 pharmacias destruidas e aniquiladas.

Este grande morticinio e pasmoso estrago foi uma consequencia da supposta existencia divina. Os sectarios do Deus nacional vingaram-se nos sectarios do Deus estrangeiro; duas religiões inimigas, irreconciliaveis, chocaram-se d'um modo selvagem, e os christãos foram massacrados com phrenesi egual áquelle com que em outros logares teem sido os massacradores. Se agora os partidarios do catholicismo no Annam foram as victimas, os partidarios do catholicismo teem em outros paizes sido algozes. Em nome de Deus, n'este momento, como sempre, o sangue humano correu n'uma lucta fratecida e inutil.

O PADRE

Affectando desprezar este mundo vil, tendo sómente como alvo de todos os *seus esforços o reino do Senhor*, o padre tem interesses oppostos aos interesses do homem.

O padre só deve pensar na morte (na outra vida), o homem tem o dever de luctar para viver.

O padre é malthusiano; o homem é fecundo.

O padre é servo de um outro padre, o Papa; o homem é o servidor da humanidade.

O padre recusa-se a derramar o seu sangue quando é necessario defender os interesses de todos, o que não o impede de prégar que a Egreja tem o direito de empregar a força para a defesa dos seus interesses particulares; o homem, pelo contrario, só derrama o seu sangue defendendo os interesses geraes.

O dever do padre é ser escravo; o dever do homem é ser livre.

O padre vive atrophiando o homem.

O homem para viver precisa aniquilar o padre.

Todo o homem que busca na religião o protectorado de Deus, dá-se por interdito para com a sociedade moderna; deixa de ter uma vontade livre e espontanea, que em communidade com os seus semelhantes, concorra para o bem estar da sociedade, para se tornar n'um instrumento docil do *deus* que a sua phantasia creou como guia a seus passos.

É cobarde e imbecil, porque fazendo sempre mil penitencias, julga-se constantemente peccador e digno de todos castigos.

F.

Não é o Deus theista que creou o mundo, mas sim o theista que creou a Deus.

As religiões são como os vermes phosphorescentes, teem necessidade da obscuridade para luzirom.

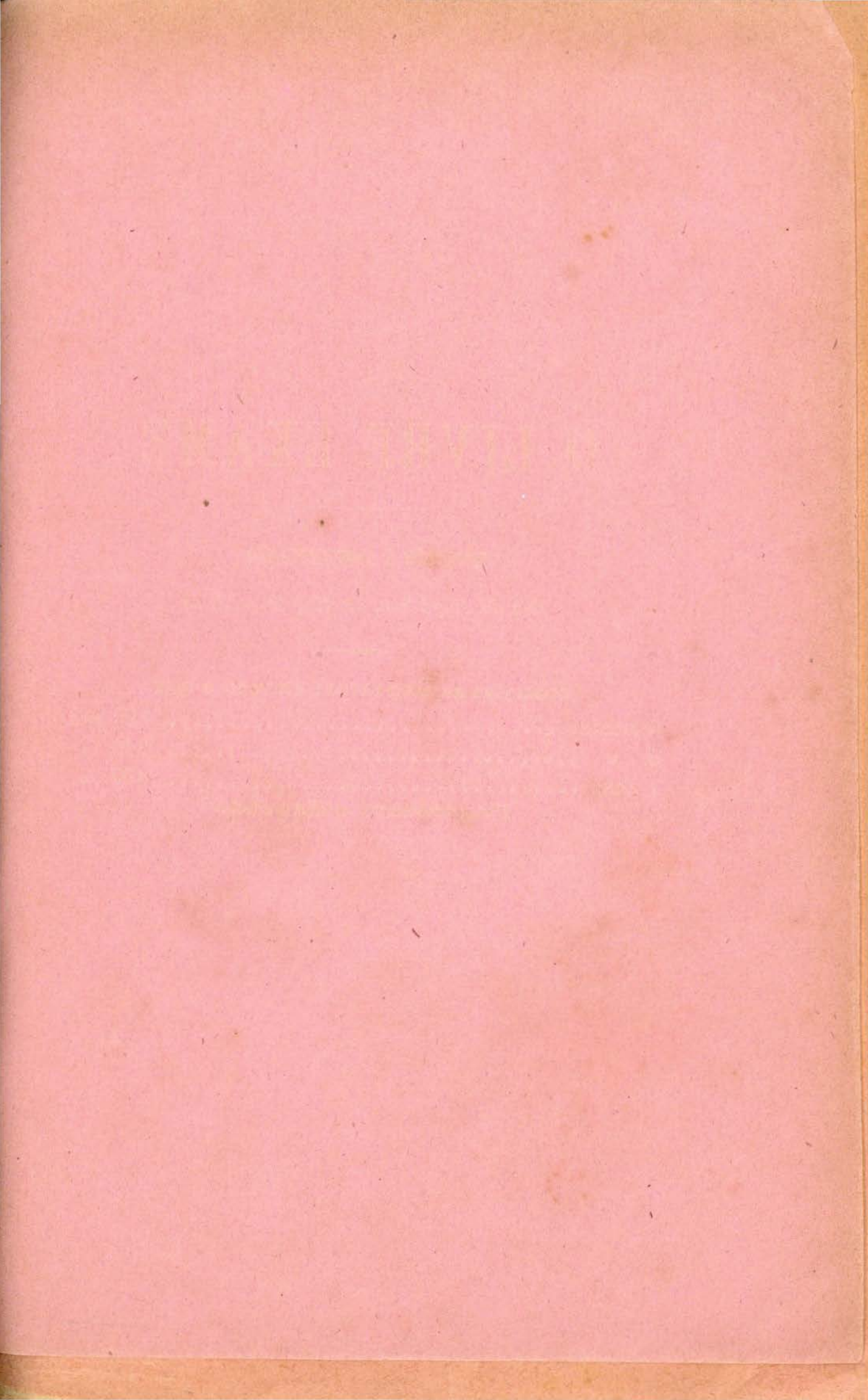
SCHOPENHAUER.

D'um interessante folheto de propaganda recentemente publicado, extraímos os dois notaveis artigos—*Abraham e Ou Deus, ou Liberdade*.

Por motivos extranhos á nossa vontade. publicámos este numero do *Livre Exame* com algum atrazo, pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

AVISO IMPORTANTE

A redacção e administração do *Livre Exame* participa, por este meio, aos seus estimaveis collaboradores e assignantes, que a sua séde passou a ser na rua da Magdalena, n.º 119, 1.º andar, para onde deverá ser remettida toda a correspondencia.



O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Magdalena, n.º 119, 1.º — Lisboa

—•••—

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA EM TODO O PAIZ

3 mezes.....	120 réis
6 «	240 «
1 anno	480 «

Pagamento adiantado